

Metáforas: das palavras aos conceitos

Heronides Maurílio de Melo Moura
UFSC-CNPq

Introdução

Defenderei neste artigo que o uso da metáfora envolve uma dependência mútua entre fatores lingüísticos e conceptuais. Essa abordagem se opõe à visão conceptualista da semântica cognitiva (Lakoff e Johnson, 2002; Lakoff, 1987; Sweetser, 1990; Fauconnier e Turner, 2002), segunda a qual a metáfora é um mecanismo essencialmente conceptual, do qual as expressões lingüísticas metafóricas seriam uma derivação.

O artigo está estruturado da seguinte forma. Em primeiro lugar, mostrarei que a abordagem defendida aqui se insere numa versão fraca da representação metafórica, nos termos de Murphy (1996). Em segundo lugar, exporei diferentes aspectos teóricos dessa abordagem da metáfora, principalmente a relação entre metáforas e conceitos ad hoc, e por fim, serão apresentadas regularidades lexicais que criam tipos de metáforas com interpretações específicas, e mostrarei como esses tipos se enquadram na perspectiva adotada no artigo.

1 Versão fraca da representação metafórica

Murphy (1996), preocupado principalmente em investigar a consistência dos modelos psicológicos de representação da metáfora, traçou um quadro bastante preciso dos problemas teóricos da relação entre metáfora e estrutura conceptual. Ele subdividiu as diferentes abordagens dessa relação em dois tipos: a versão forte da representação metafórica e a versão fraca da representação metafórica.

Na versão forte da representação metafórica, partes da representação mental são organizadas metaforicamente, ou seja, certos conceitos são organizados com base em estruturas que eles herdam de mapeamentos metafóricos. Uma consequência da versão forte é que ela supõe que os dois elementos que entram na composição da metáfora têm, necessariamente, níveis de estruturação distintos. Os dois elementos constitutivos da metáfora são o tópico e o veículo. O tópico é a entidade da qual se fala na metáfora, e o veículo é a expressão lingüística que predica algo sobre o tópico. O tópico é também chamado de alvo ou domínio alvo, e o veículo é também chamado de fonte ou domínio fonte.

Na versão forte da representação metafórica, o veículo seria a priori mais estruturado que o tópico, pois o tópico ganharia estrutura justamente a partir das propriedades e relações que ele herda do veículo. Assim, não se espera, na versão forte da representação metafórica, que o tópico seja estruturado independentemente da metáfora no qual ele aparece (cf. Moura, no prelo (a)).

A versão forte implica que certos conceitos só podem ser compreendidos via representação metafórica; sem o recurso ao mapeamento metafórico, certos conceitos seriam apenas parcialmente estruturados. Lakoff e Johnson (2002, p. 284¹) afirmam que "muitos aspectos de nossa experiência não podem ser delineados claramente em termos das dimensões que emergem naturalmente de nossa experiência. Este é normalmente o caso, por exemplo, das emoções humanas, dos conceitos abstratos, da atividade mental, do tempo, do trabalho, das instituições humanas, das práticas sociais, etc., e também dos objetos físicos sem limites ou orientações inerentes. Embora a maioria deles possa ser *experienciada* diretamente, nenhum deles consegue ser completamente compreendido em seus próprios termos. Ao contrário, devemos compreendê-los em termos de outras entidades e experiências, ou seja, de outros *tipos* de entidades e experiências".

Nessa perspectiva, os falantes não dispõem de uma estrutura conceptual independente para o conceito de emoção, por exemplo, derivando essa estrutura, em parte, de um domínio conceptual mais concreto e mais estruturado, o conceito de temperatura. Como afirma Murphy (1986, p. 178):

"However, if the concept is represented metaphorically, these components cannot be independently defined and represented. Instead, they must merely be linked to the appropriate element of the vehicle concept".

¹ O original desta obra é de 1980, mas ao longo do artigo vou citar apenas a tradução brasileira, de 2002.

Mas a versão forte da representação metafórica conduz a algumas dificuldades, apontadas por Murphy. Em primeiro lugar, ele observa que a metáfora implica uma interpretação por parte do receptor (ibid., p. 181). Isso não causa nenhum problema no caso da metáfora enquanto expressão lingüística, pois a metáfora verbal se caracteriza justamente por uma certa interação semântica entre tópico e veículo, a ser decifrada pelo receptor (cf. Glucksberg, 2001). No entanto, no caso da metáfora enquanto representação mental, quem seria o interpretante no mapeamento entre os conceitos de, por exemplo, discussão e guerra? Se o tópico (discussão) se estrutura em termos de propriedades e componentes do veículo (guerra) (cf. Lakoff e Johnson, 2002, p. 46-48), quem seria o responsável por determinar quais as propriedades e componentes relevantes no mapeamento? Entender a discussão como uma guerra, por exemplo, deve necessariamente excluir inferências inválidas, pois participantes de uma discussão não usam uniformes, não pagam reparações após a derrota, etc. Muitas das coisas que se sabe sobre guerra simplesmente não se aplicam a coisas que se sabe sobre discussão. É preciso um receptor para inferir as interpretações corretas, mas esse receptor, argumenta Murphy (ibid., p. 181), não pode ser um homúnculo alojado na mente, interno à própria representação mental.

No caso das metáforas lingüísticas, os receptores usam o conhecimento que têm sobre o tópico e o veículo para inferir a interpretação correta da metáfora. Já no caso da metáfora conceptual, o mapeamento metafórico representa o próprio conceito (por exemplo, o conceito de discussão é estruturado por meio de sua ligação com o conceito de guerra), portanto não há como se fazer uso de conhecimento sobre o tópico, pois o conhecimento sobre o tópico deriva do próprio mapeamento metafórico. Ou seja, não há conhecimento disponível sobre o tópico fora de sua representação metafórica.

Em suma, de acordo com o argumento de Murphy, a metáfora conceptual requer também uma interpretação que exclua as inferências incorretas e selecione as corretas, mas essa interpretação não pode ser interna à representação mental, o que põe uma dificuldade séria para a noção de que a representação mental possa ser organizada metaforicamente, como quer a versão forte.

A oposição entre metáfora conceptual (interna à representação mental) e metáfora lingüística (derivada da metáfora conceptual) é uma característica fundamental da semântica cognitiva. A metáfora conceptual organizaria o nosso modo de representação e categorização do mundo, ao passo que a metáfora lingüística corresponderia à materialização, em termos lingüísticos, da estrutura conceptual sub-

jacente. Assim, a metáfora conceptual é logicamente anterior à sua representação lingüística, não sendo, portanto, afetada por fatores estritamente lingüísticos. Por outro lado, a interação entre tópico e veículo é um fator lingüístico, que demanda a interpretação dos falantes para funcionar, e como tal está excluída da metáfora conceptual. A semântica cognitiva pressupõe uma relação fixa e dada a priori entre as propriedades do tópico e do veículo. Mas, como afirma Murphy (ibid., p. 181), não há metáfora sem interpretação.

Uma outra dificuldade da versão forte é apontada por Glucksberg (2001, p. 105-107). Como a estrutura conceptual do tópico é totalmente dependente da estrutura conceptual do veículo, a versão forte da representação metafórica não é capaz de definir claramente a distinção entre o literal e o metafórico. Por exemplo, se um conceito abstrato como *teoria* é estruturado inteiramente com base no conceito de *construção* (Lakoff e Johnson, 2002), então devemos concluir que as teorias não são construções no plano metafórico, mas são construções literalmente! Pois não é possível pensar o conceito de teoria fora da estrutura herdada da metáfora que liga este conceito ao de construção. Na versão forte, fica ofuscada a oposição literal-metafórico na estrutura conceptual, oposição para a qual a própria semântica cognitiva teve o mérito de chamar a atenção.

A segunda perspectiva citada por Murphy (1996) é a versão fraca da representação metafórica. Essa versão não representa um corpo teórico coeso e sistemático. Os autores que a sustentam não estão organizados numa tendência teórica específica, mas de toda forma a versão fraca da representação metafórica é uma alternativa válida à versão forte, dominante na semântica cognitiva. Diferentes autores podem ser associados à versão fraca, entre eles Barsalou (1993), Moravcsik (1998) e Leezenberg (2001).

Nessa versão, os domínios conceptuais que entram no mapeamento metafórico já possuem uma estrutura organizada, e o tópico (domínio alvo) não é organizado via metáfora, possuindo de antemão uma estrutura independente. No entanto, expressões metafóricas de um determinado tipo, quando ocorrem de forma sistemática numa língua específica, influenciam a estrutura dos conceitos de modo que estes se tornem consistentes com os usos metafóricos (Murphy, 1996, p. 177).

Há assim uma relação causal entre uso da metáfora e estrutura conceptual, mas a estrutura conceptual, no plano literal, depende da metáfora, o que evita as dificuldades que a versão forte acarreta.

Assumo neste artigo a versão fraca da representação metafórica nos seus aspectos epistemológico e lingüístico, mas não no aspecto de processamento psicolingüístico. No aspecto epistemológico, a versão fraca implica a dependência mútua entre linguagem e pensamento (cf. Leezenberg, 2001, p. 270-280). Nessa perspectiva, categorias conceptuais são criadas por meio de metáforas, o que influencia a estrutura conceptual previamente existente. Por exemplo, a metáfora "O casamento é uma bomba relógio" cria uma categoria de coisas que são potencialmente explosivas e destrutivas ao longo do tempo, e entre as quais se inclui o casamento (Glucksberg, 1993). Essa categorização, de coisas que são potencialmente explosivas e destrutivas, entre as quais se incluiria o casamento, pode afetar a nossa percepção do conceito de casamento.

A versão fraca me parece consistente também no aspecto lingüístico, por pressupor que a metáfora deriva não de uma operação puramente conceptual, mas de uma operação verbal que associa propriedades do tópico e do veículo. É um certo tipo de associação entre tópico e veículo que pode afetar a nossa percepção de um conceito. Assim, em "O casamento é uma bomba relógio", o conceito de *casamento* não deriva sua estrutura do conceito de *bomba relógio*, mas uma propriedade relevante específica de *bomba relógio* (o seu caráter potencialmente destrutivo ao longo do tempo, ainda que a destruição não seja percebida de início) é predicada do tópico *casamento*.

No entanto, a ligação entre representação metafórica e processamento psicolingüístico é questionável de um ponto de vista empírico (Murphy, 1996 e Glucksberg, 2001, p. 98-107). Os psicolingüistas divergem sobre o papel do mapeamento conceptual na interpretação de metáforas verbais. Gibbs (1992a, 1992b) tentou mostrar que os falantes entendem expressões figurativas, como metáforas e expressões idiomáticas, a partir do reconhecimento das metáforas conceptuais subjacentes a essas expressões.

No entanto, McGlone (1996) mostrou que a interpretação de metáforas por sujeitos reais não é feita com base na metáfora conceptual subjacente, e que a estrutura conceptual literal do veículo (domínio fonte) é irrelevante para o processamento metafórico. Por exemplo, a interpretação de uma metáfora como *Dr. Moreland's lecture was a three-course meal for the mind*² não depende da metáfora conceptual subjacente IDÉIAS SÃO ALIMENTO (Lakoff e Johnson, 2002). Os sujeitos do experimento citado, quando solicitados a pa-

² "A palestra do Dr. Moreland foi uma refeição completa para a mente" (minha tradução).

rafrasear a metáfora, raramente citaram as possíveis correspondências entre idéias e alimento, destacando ao contrário a propriedade de qualidade e quantidade associada à expressão *three-course meal* (refeição completa). Além disso, a exposição prévia a outras metáforas do domínio alimentar (por exemplo, *That book was a snack*) não favoreceu a compreensão da metáfora analisada (cf. Glucksberg, *ibid.*, p. 99-100). Desse modo, de acordo com o experimento citado, o conceito literal de *alimento* não é relevante para a interpretação da metáfora *Dr. Moreland's lecture was a three-course meal for the mind*.

Se é assim, então não há uma representação metafórica de nenhum nível que determine o processamento da metáfora acima. O que ocorreria é que a expressão metafórica *three-course meal* é interpretada diretamente como designando uma categoria de coisas que têm a propriedade de serem quantitativa e qualitativamente consideráveis, e entre as quais se inclui a palestra do Dr. Moreland.

Não há, portanto, uma ligação empiricamente comprovável entre representação metafórica, forte ou fraca, e processamento psicolinguístico (Murphy, 1996, p. 200). No entanto, parece-me que é possível sustentar a versão fraca da representação metafórica nos aspectos epistemológico e linguístico mencionados acima. A idéia é que a metáfora é um mecanismo de criação de conceitos ad hoc que podem afetar a nossa percepção dos conceitos literais previamente estruturados, ainda que a representação metafórica não seja relevante para o processamento de uma metáfora verbal específica. Por exemplo, a metáfora "o casamento é uma bomba relógio" pode afetar a nossa percepção do conceito de *casamento*, e pode refletir (e reforçar) as crenças de uma determinada comunidade linguística sobre essa instituição social.

2 Conceitos ad hoc e metáfora

Psicólogos e psicolinguistas (Vigotsky, 1979; Barsalou, 1983; Murphy e Medin, 1985), sob diferentes perspectivas teóricas, desenvolveram e analisaram a noção de conceito complexo. Essa noção é um dos fundamentos teóricos da versão fraca da representação metafórica, como veremos.

Proposto inicialmente por Vigotsky (1979), um conceito complexo é uma categoria de referentes construída contextualmente com base em relações específicas (cf. Leezenberg, 2001, p. 273).

³ "Aquele livro foi um lanche" (minha tradução)

A determinação de qual é a propriedade importante para a categorização é determinada contextualmente. Por exemplo, os falantes podem construir um conceito complexo de "coisas que se deve retirar de casa em caso de incêndio", o que produz uma categoria que abarca referentes heteróclitos como "crianças, jóias, dinheiro, animais de estimação". Uma categoria como essa apresenta várias características: ela não possui caráter científico, pode variar de acordo com o contexto e é normalmente associada a tarefas específicas do dia a dia. Pense nos conceitos de "coisas que uma criança leva para a escola" ou de "coisas que um palestrante deve fazer antes de dar uma palestra".

Barsalou (1983) observa que um conceito complexo, que ele denomina de categoria ad hoc, agrupa objetos que normalmente seriam considerados díspares, como no caso visto acima de "coisas que se deve retirar de casa em caso de incêndio", mas esse conjunto heteróclito de coisas, provisório e instável, ganha sentido num contexto específico. A coerência de um conceito complexo, ou categoria ad hoc, pode ser determinada tanto pela função para a qual ele é usado, quanto pela teoria que está por trás de seu uso. O importante é que o conceito complexo faça sentido e seja coerente para os sujeitos (Leezenberg, 2001, p. 284). Como afirmam Murphy e Medin (1985, p. 300),

The reader may wish to introspect on what the category is that includes the objects children, jewelry, portable TVs, paintings, manuscripts, and photograph albums. Furthermore, which of the items mentioned is the most typical? Because the objects have low family resemblance, the task is nearly impossible. However, once the theme taking things out of one's home during a fire is known, these judgments become easy. [...] Such examples suggest that theories can elucidate the relations among very different objects and thereby form them into a coherent category, even if they do not form a "natural" class.

A noção de conceito complexo, a que vou me referir como conceito ad hoc, seguindo Leezenberg (*ibid.*, p. 283), oferece um insight importante sobre a estrutura semântica da metáfora. A metáfora seria um dos mecanismos pelos quais os falantes criam conceitos ad hoc. Por exemplo, ao usar a metáfora "O casamento é uma bomba relógio", o falante cria o conceito de coisas que são potencialmente explosivas e destrutivas ao longo do tempo, entre as quais se inclui o casamento. Esse conceito é obviamente inteiramente contextual e pode incluir referentes heteróclitos, como bombas relógio, casamento, cigarro, etc.

A versão fraca da representação metafórica pressupõe essa percepção da metáfora como criação de conceitos ad hoc. No entanto, nem todos os autores que atribuem um papel importante aos conceitos ad hoc na teoria da metáfora defendem a versão fraca da representação metafórica. Glucksberg (2001), por exemplo, recusa qualquer tipo de representação metafórica, forte ou fraca, como relevante para o processamento da metáfora, embora sua teoria da referência dual se caracterize pela presença de categorias ad hoc. Mas, a meu ver, os fatores epistemológicos e linguísticos citados acima justificam a versão fraca, independentemente do papel que o mapeamento metafórico desempenha no processamento de metáforas específicas.

A versão fraca da representação metafórica também pressupõe uma flexibilidade conceptual que subjaz ao uso da metáfora. Um mesmo conceito pode ser usado em contextos diferentes e ser inserido em categorias diferentes, ontologicamente distintas. Assim, no plano literal, uma criança pode ser inserida numa categoria que abarca animais domésticos e jóias, no caso do conceito ad hoc de "coisas que se deve retirar de casa em caso de incêndio", assim como pode ser inserida na classe de seres humanos, numa relação de hiperonímia não contextual. O conceito de *criança* deve ser suficientemente flexível para permitir essa inserção em conceitos ad hoc ou em relações de hiperonímia mais fixas na estrutura semântica.

No caso da metáfora, a mesma flexibilidade conceptual deve estar presente. O conceito de *bomba relógio* pode se referir tanto à categoria de coisas que são bombas programadas para explodir num tempo determinado, quanto à categoria de coisas potencialmente explosivas, com a destruição com data marcada. A diferença é que, na metáfora, a palavra que designa o veículo (domínio fonte) corresponde a uma designação resumida da categoria ou da propriedade relevante. Por exemplo, *bomba relógio* designa, enquanto veículo da metáfora, a categoria de coisas potencialmente explosivas e destrutivas. Temos assim as seguintes possibilidades de inferências a partir de conceitos lexicais:

Quadro 1

Inferências a partir de conceitos lexicais

- i. conceitos literais:
criança
Pedrinho é uma criança → Pedrinho é um ser humano (inferência não contextual)
(Pedrinho é uma criança → Pedrinho pertence à categoria de coisas que devem ser retiradas de casa em caso de incêndio) → Pedrinho deve ser retirado de casa em caso de incêndio (inferência ad hoc)
- ii. conceitos metafóricos:
bomba relógio
Este mecanismo é uma bomba relógio → Este mecanismo é um explosivo (inferência não contextual) – sentido literal

O casamento é uma bomba relógio → O casamento é uma entidade potencialmente explosiva e destrutiva (inferência ad hoc) – sentido metafórico

A diferença básica entre i e ii é que o conceito de *criança* não pode designar por si mesmo o conceito ad hoc de "coisas que devem ser retiradas de casa em caso de incêndio". Esse conceito precisa ser explicitado no contexto. Já *bomba relógio*, no sentido metafórico, é uma designação da categoria de coisas explosivas e destrutivas ao longo do tempo.

A teoria da referência dual de Glucksberg (1993, 2001) postula que uma palavra como *bomba relógio*, ao ser usada metaforicamente, designa duas classes referenciais distintas. No sentido literal, ela designa a classe das bombas com tempo programado para explosão; no sentido metafórico, ela designa a classe das coisas que são potencialmente explosivas e destrutivas ao longo do tempo. As entidades que formam essa categoria ad hoc dependem das metáforas que as tipificam. Assim, *casamento* e *cigarros* podem fazer parte dessa categoria, desde que usados como tópicos de metáforas (por exemplo, nas metáforas "o casamento é uma bomba relógio" e "cigarros são bombas relógio").

Essa categoria ad hoc seleciona a propriedade que a própria metáfora atribui à *bomba relógio*. *Bomba relógio* seria assim usada de duas maneiras: em primeiro lugar, como um hipônimo da categoria ad hoc "coisas potencialmente explosivas e destrutivas ao longo do tempo". Nesse caso, *bomba relógio* estaria no mesmo nível de categorização de casamento e cigarros, formando uma classe de coisas junto com elas.

O segundo uso seria o metafórico. Nesse caso, *bomba relógio*, como veículo da metáfora, designaria o hiperônimo que denota a classe de “coisas potencialmente explosivas e destrutivas ao longo do tempo”. O item lexical *bomba relógio* é usado para designar essa categoria porque se refere a uma entidade prototípica dela. Assim, *bomba relógio* designa simultaneamente, por um lado a categoria de coisas explosivas e perigosas ao longo do tempo, e de outro lado um exemplar prototípico dessa categoria, no caso as bombas relógio literais (Glucksberg, 2001, p. 52). Nessa teoria, a metáfora é considerada como uma inclusão de classe. Como McGlone (1996, p. 545) afirma:

metaphors are interpreted as what they appear to be: category-inclusion assertions of the form *X is a Y*. According to this proposal, interpreters infer from a metaphor a category (a) to which the topic concept can plausibly belong, and (b) that the vehicle concept exemplifies.

A teoria da referência dual implica que a estrutura conceptual é suficientemente flexível para criar conceitos ad hoc com base em propriedades salientes de conceitos previamente existentes.

Outro autor que postula a flexibilidade conceitual, num contexto inteiramente diferente, é Moravcsik (1990, 1998). Para esse autor, o nível básico de representação lexical é formado por um conjunto de propriedades semânticas, que formam *esquemas explanatórios* a partir dos quais os sentidos lexicais são produzidos em contexto. Os fatores explanatórios que integram os *esquemas explanatórios* são em número de quatro (Moravcsik, 1998, p. 97):

1. *O fator constitutivo*. Estabelece a relação entre a palavra e o domínio denotacional no qual ela se insere. (fator m)

2. *O fator estrutural*. Este fator envolve os princípios de individuação dos diferentes itens lexicais. Define a natureza e a qualidade das entidades e das propriedades. (fator s)

3. *O fator agentivo*. Este fator (que não se aplica a todas as palavras) abrange as forças causais necessárias que especificam a origem, no âmbito de diferentes domínios denotacionais.

4. *O fator funcional*. Inclui as propriedades funcionais que são partes necessárias do sentido das palavras.

Esses fatores explanatórios correspondem, de modo geral, aos papéis qualia do léxico gerativo, com a exceção do *fator estrutural*, que não tem uma contraparte no modelo de Pustejovsky (1995).

O modelo de Moravcsik apresenta, todavia, uma diferença básica em relação ao léxico gerativo. Ele pretende ser uma explicação

da variação e interpretação lexical em *todos* os contextos possíveis, e não apenas naqueles que podem ser formalmente derivados por meio da representação lexical. Esse modelo envolve também uma teoria da denotação que está ausente do léxico gerativo. Moravcsik postula três níveis de significado lexical. O primeiro, como vimos, corresponde aos fatores explanatórios. O segundo corresponde a especificações de contextos denotacionais, a partir dos esquemas explanatórios. Por fim, o terceiro nível corresponde à fixação das denotações, com base em elementos lingüísticos (como os fatores explanatórios) e também em condições pragmáticas.

A teoria de Moravcsik postula que só a partir de parametrizações específicas um item lexical assume um valor no contexto. Se considerarmos que a metáfora envolve uma parametrização específica dos esquemas explanatórios associados ao léxico, podemos entender que os usos metafóricos utilizam um recurso similar ao que ocorre na variação lexical.

Assim, a criatividade no uso das expressões metafóricas é uma questão de grau, porque as palavras também variam enormemente no plano literal. No caso da variação literal, a criatividade na variação é regida por parâmetros mais fixos. Considere por exemplo o substantivo *emergência*. Para definir a denotação precisa dessa palavra polissêmica, precisamos definir uma série de parâmetros, que opõem os diferentes usos da palavra. Há a emergência médica, a emergência social, a emergência policial, etc. Todas envolvem agentes, funções e qualidades específicas, os quais funcionam como possíveis parametrizações de uma definição subespecificada da palavra. Existe um núcleo comum na definição dessa palavra, que define *emergência* como uma situação de risco, mas essa é uma definição subespecificada, pois precisamos definir o tipo de risco, os agentes envolvidos, etc. Ou seja, a criatividade está presente mesmo na variação literal e age sobre a especificação das diferentes possibilidades de definir uma palavra. A diferença entre usos literais e usos metafóricos é de grau, pois no caso da metáfora, faltam-nos parâmetros mais específicos para definir o sentido pretendido. A interação entre tópico e veículo é uma das formas de se obter a parametrização específica no caso da metáfora.

A flexibilidade da estrutura conceptual permite assim que sejam criados conceitos ad hoc de base metafórica. Esses conceitos ad hoc, derivados de metáforas verbais, podem interferir na percepção que os falantes têm de um conceito, configurando assim a versão fraca da representação metafórica. Nessa perspectiva, a metáfora verbal repercute na estrutura conceptual e pode definir o modo como vemos os conceitos. Nas metáforas, partimos das palavras para chegar aos conceitos.

3 Regularidades lingüísticas no uso da metáfora

Uma questão que se coloca para a versão fraca da representação metafórica é a seguinte: se o mapeamento metafórico não é estritamente conceptual e depende de fatores lingüísticos e da interpretação dos falantes, que mecanismos são usados na interpretação das metáforas? Uma outra maneira de formular esta questão é a seguinte: se a metáfora é indeterminada quanto ao tipo de relação que estabelece entre tópico e veículo (Zanotto, 1998; Moura, 2002a), como os falantes interpretam os usos metafóricos?

Uma primeira resposta pode ser encontrada na teoria dual da referência, já apresentada acima. Glucksberg (200, p. 53) sustenta que a interação entre tópico e veículo, em cada metáfora, permite especificar que propriedade é predicada do tópico. Considere as metáforas "My lawyer was a snake" e "The road was a snake".⁴ Segundo o autor, o tópico funciona como um contexto para a interpretação do veículo (domínio fonte) da metáfora. Glucksberg (ibid.) denomina de *dimensões para atribuição* a relevância de uma dada propriedade para o tópico. Por exemplo, quando o tópico é *estrada*, as dimensões relevantes são forma, superfície e segurança, ao passo que dimensões como custo e cor não são relevantes. Assim, o tópico licencia certas dimensões para a atribuição metafórica. O veículo da metáfora, por sua vez, licencia as propriedades a serem atribuídas ao tópico. Da interação entre dimensões relevantes do tópico e do veículo, surge a interpretação da metáfora.

No caso de "The road was a snake", a propriedade do veículo da metáfora (*snake*) a ser selecionada está associada a uma das dimensões relevantes do tópico, ou seja, a forma da estrada. No caso de "My lawyer was a snake", como temos outro tópico (*lawyer*), temos outras dimensões relevantes. Entre as dimensões relevantes do conceito de advogado, temos habilidade, temperamento, ambição e preço. A interpretação nesse caso seria que o advogado em questão tem um comportamento malicioso e malévolo, sendo atribuído a ele uma propriedade que se atribui comumente às cobras. Em função das diferenças das dimensões relevantes dos tópicos, diferentes propriedades do veículo (*snake*) são selecionadas nas duas metáforas acima.

Essa resposta à questão sobre como os falantes interpretam as metáforas é muito interessante e é muito mais rica do que a da visão conceptualista clássica, que pressupõe uma relação conceptual definida e fixa entre domínios distintos.

⁴ "Meu advogado era uma cobra" e "A estrada era uma cobra", respectivamente (minha tradução).

No entanto, proponho aqui uma resposta alternativa, que não é incompatível com a resposta oferecida acima, mas que a meu ver tem algumas vantagens em relação a ela.

Tentarei defender que a interação entre tópico e veículo, fundamental para a interpretação das metáforas, é regida também por tipos combinatórios de natureza lexical. Esses tipos de combinação metafórica restringem a interpretação das metáforas e têm escopo não sobre tópicos e veículos metafóricos considerados individualmente, mas sobre tipos de tópicos e veículos. Esses tipos guiam a interpretação dos falantes, embora não a definam inteiramente. Considere as metáforas abaixo:

- (1) Esta universidade é um hospício.
- (2) Minha cidade não é uma Disneylândia.
- (3) O departamento de pessoal desta empresa é um hospital.

A minha hipótese é que essas metáforas têm um mesmo padrão de interpretação, regido pela combinação de tipos semânticos que ocupam as posições de tópico e veículo. Seja dada a seguinte representação desse tipo de metáfora:

- (i) Tópico (instituição.lugar x) Veículo (instituição.lugar y) $\rightarrow x \text{ é } y^5$

A propriedade relevante do veículo, nesse tipo de metáfora, é a função desempenhada pela instituição y . No caso de hospício, a função é abrigar pessoas com problemas mentais; no caso de Disneylândia, a função é a oferta de diversão; no caso de hospital, a função é abrigar pessoas doentes. Outros traços importantes dos veículos não são pertinentes para as metáforas acima. Por exemplo, o tamanho, caráter público ou privado, tipos de profissionais envolvidos são características importantes de hospício, Disneylândia e hospital, mas só a função deles é acessada na metáfora. O importante a ressaltar é que a interação entre tópico e veículo não é feita a cada palavra de uma vez, mas depende do tipo (i) acima, que abrange uma série de palavras.

São duas as vantagens dessa proposta em relação ao mecanismo interacional de Glucksberg (2001). Em primeiro lugar, ela possibilita uma generalização sobre várias combinações metafóricas entre diferentes palavras, e não é calculada com base na interação específica de um tópico e um veículo dados, como propõe

⁵ Adoto aqui a representação formal de tipo pontuado de Pustejovsky (1995). Um tipo semântico pontuado, representado por a.b, indica um tipo semântico complexo formado pela combinação de dois tipos semânticos simples. Assim, um tipo (instituição.lugar) é polissêmico entre instituição, lugar e a junção dessas duas facetas.

Glucksberg (ibid.). É o tipo de combinação que orienta a interpretação, e não apenas o conteúdo semântico de itens lexicais específicos, considerados individualmente.

Uma segunda vantagem é que o tipo de combinação apresentada em (i) explica porque apenas a propriedade associada à função do veículo é selecionada para a atribuição da metáfora, que incide sobre uma determinada dimensão do tópico (as pessoas que compõem a instituição). Outras dimensões relevantes do tópico são deixadas de lado na interpretação da metáfora. Por exemplo, o tamanho de uma universidade é certamente uma dimensão relevante desse conceito. Glucksberg (2001, p. 53) define que uma dimensão é relevante para um conceito se ela serve para especificar variações internas ao conceito, ou seja, subclasses de um conceito. Assim, podemos concluir que o caráter público ou privado é certamente uma dimensão importante para a especificação de subclasses de universidades. A mesma coisa pode ser dita do tamanho: há universidades grandes e pequenas, e essa é uma categorização relevante. No entanto, o tamanho da universidade não é relevante para a metáfora em (1) acima, pois o tipo (i) define que a propriedade relevante a ser atribuída ao tópico está ligada à função do veículo (no caso de (1), abrigar pessoas com problemas mentais), devendo o tópico licenciar uma dimensão compatível com essa propriedade. Aliás, mesmo que a metáfora enfatize o tamanho da instituição que ocupa o lugar de veículo, ainda assim a dimensão relevante correspondente no tópico não será licenciada, como podemos ver no exemplo abaixo:

(4) Esta universidade é um grande hospício.

A dimensão relevante do tópico *universidade* continua sendo as pessoas que a compõem, e sobre essa dimensão é predicada uma propriedade associada à função do veículo (*hospício*), e não a seu tamanho, apesar da presença do adjetivo *grande*. Entendo que a teoria de Glucksberg não tem como explicar esse tipo de restrição na escolha da propriedade relevante da metáfora.

Apresentarei agora alguns outros tipos de regularidades combinatórias no uso da metáfora (Moura, no prelo(b)). Vou analisar em primeiro lugar metáforas que se enquadram na metáfora conceptual da personificação, na terminologia de Lakoff e Johnson (2002, p. 87-89). Interpretações distintas podem ser obtidas se o tópico da metáfora é uma instituição ou um artefato. Sejam dadas as seguintes representações desses tipos de metáforas da seguinte forma:

- (ii) Tópico (instituição x) Veículo (propriedade humana P) $\rightarrow x \acute{e} P$
(iii) Tópico (artefato x) Veículo (propriedade humana P) $\rightarrow x \acute{e} P$

As duas combinações acima geram dois tipos de metáforas distintas. Se o tópico é uma instituição, a dimensão relevante do tópico são as ações e atitudes da instituição; se o tópico é um artefato, a dimensão relevante do tópico é a forma de funcionamento do artefato. Quanto ao veículo dessas metáforas, as propriedades licenciadas diferem nos dois tipos. No caso de (i), a propriedade P licenciada pelo veículo projeta sobre o tópico x emoções e intenções humanas, ao passo que no caso de (ii), a propriedade P licenciada pelo veículo projeta sobre o tópico x formas de agir típicas de seres humanos, mas não emoções e intenções. Vejamos os exemplos abaixo:

(5) A Embratel acaba de ter uma grande idéia: a idéia 21.

(exemplo retirado de Espíndola, 2004).

(6) A nossa empresa sente a mesma alegria que seus clientes sentem quando estão em nossas lojas.

Essas metáforas correspondem ao tipo (ii) acima. Os tópicos são instituições (*Embratel*, *nossa empresa*) e os veículos são propriedades humanas (*ter uma grande idéia*, *sentir alegria*). Nesse caso, emoções, idéias e intenções propriamente humanas são projetadas, a partir da propriedade P licenciada pelo veículo, sobre o tópico x da metáfora. Essas metáforas impõem a percepção de que as instituições agem e sentem como os seres humanos. Entendo que nos exemplos (5)-(6) temos de fato metáfora, ocorrendo um mapeamento entre dois domínios conceptuais distintos, um não humano (o tópico) e outro humano (o veículo). O que essas expressões metafóricas ressaltam é que as instituições agem de maneira similar aos seres humanos, mas isso não significa que tais instituições sejam efetivamente seres humanos. Sobre a natureza metafórica, e não apenas metonímica, dessas expressões, conferir Moura (no prelo (b)).

Analisemos agora os exemplos abaixo:

- (7) Porta estressada.
(8) Carro temperamental.
(9) Disquete autista.

Esses exemplos correspondem ao tipo (iii) acima. Os tópicos (*porta*, *carro*, *disquete*) são artefatos e os veículos (*estressada*, *temperamental*, *autista*) são propriedades humanas. Considere por exem-

plo a expressão *disquete autista*. A interpretação plausível é que se trata de um disquete que não se deixa ler, que não cumpre de forma normal a função para a qual foi feito. A restrição importante a ser capturada aqui é que, nesse tipo de metáfora, emoções e intenções humanas não são dimensões relevantes para o tópico, ainda que propriedades ligadas a emoções e intenções pudessem ser licenciadas pelos veículos. A dimensão relevante para o tópico é a forma de funcionamento do artefato. A propriedade *P*, licenciada pelo veículo, é relevante para esse tipo de metáfora na medida em que estabelece uma homologia entre a realidade humana e o funcionamento dos artefatos.

Consideremos agora tipos de metáforas ligados à metáfora conceptual da objetivação, que é a contraparte da metáfora da personificação. Na objetivação, o tópico é um referente humano e o veículo é uma propriedade *P* que categoriza entidades inanimadas. Sejam dadas as seguintes representações:

- (iv) Tópico (ser humano *x*) Veículo (propriedade de substâncias *P*) $\rightarrow x \text{ é } P$
- (v) Tópico (ser humano *x*) Veículo (propriedade ou nome de artefatos *P*) $\rightarrow x \text{ é } P$

A metáfora de tipo (iv) corresponde a exemplos como:

- (10) João é azedo.
- (11) João é amargo.
- (12) João é escorregadio.

Nesses exemplos, *João* é o tópico e *azedo*, *amargo*, *escorregadio* são os veículos. Nesse tipo de metáfora, a dimensão relevante do tópico é a personalidade ou o temperamento do referente humano. Note que outras dimensões relevantes do ser humano, como a inteligência ou a aparência física, não são significativas para esse tipo de metáfora, o que não é explicado pelo modelo de Glucksberg (2001). Há uma restrição na interpretação desse tipo de metáfora, e é exatamente isso que a análise aqui proposta pretende ressaltar.

A metáfora do tipo (v) corresponde a exemplos como:

- (13) João é uma máquina.
- (14) Maria é um avião.
- (15) A mulher dele não é nenhuma Brastemp.

Nesses exemplos, o tópico (*João*, *Maria*, *a mulher dele*) é um referente humano, e o veículo (*máquina*, *avião*, *Brastemp*) é um artefato. As dimensões relevantes do tópico nesse tipo de metáfora são a

competência e a aparência das pessoas de quem se fala. Outras dimensões relevantes dos seres humanos, como a personalidade e as qualidades morais, não são significativas para esse tipo de metáfora.⁶ De novo, é a natureza convencional da combinação de um determinado tipo que restringe as interpretações possíveis dessa metáfora, e não a estrutura conceptual do tópico ou do veículo, considerados isoladamente.

Conclusão

Neste artigo, tentamos mostrar que a versão fraca da representação metafórica é uma maneira consistente de explicar a relação entre palavras e conceitos no uso da metáfora.

Essa versão fraca pressupõe uma série de condições teóricas, definidas independentemente. Entre essas condições, foram analisadas a existência de conceitos ad hoc e sua relação com a metáfora, a flexibilidade conceptual, presente tanto na metáfora quanto nos usos literais, e o papel da interpretação no uso da metáfora. Quanto à interpretação, mostrou-se que toda metáfora verbal, sendo a priori indeterminada quanto ao seu sentido, necessita de um processo interpretativo. Esse processo interpretativo não é relevante na versão forte da representação metafórica, mas é um elemento fundamental na versão fraca.

A resposta à questão sobre a forma como se dá a interpretação na metáfora está ligada à interação semântica entre tópico e veículo. Neste artigo, foi analisada com algum detalhe a formulação da teoria da referência dual sobre essa interação. Foi proposta, no entanto, uma alternativa complementar a essa teoria. Minha proposta se baseia na identificação de tipos de combinação entre tópicos e veículos, com interpretações específicas para cada tipo. Essa alternativa apresenta duas vantagens em relação à teoria da referência dual. Em primeiro lugar, ela possibilita uma generalização sobre várias combinações metafóricas entre diferentes palavras. Em segundo lugar, ela permite explicar por que certas dimensões relevantes do tópico, com exclusão de outras dimensões relevantes possíveis, são selecionadas em usos metafóricos específicos. A proposta de tipos metafóricos se enquadra na versão fraca da representação metafórica e assume todas as condições teóricas citadas acima.

⁶ Há usos deste tipo de metáfora que destacam qualidades morais dos tópicos, por exemplo, "José Dirceu é um trator", ou "O ministro é um robô". Trata-se de uma interessante derivação da forma de ação para o caráter de quem age.

Uma questão ainda não respondida e essencial para a versão fraca da representação metafórica é sobre a forma precisa como se dá a influência do uso metafórico na estrutura conceptual. Foram apresentadas no artigo justificativas epistemológicas e lingüísticas para a versão fraca, mas ainda não há uma descrição mais precisa sobre como a representação conceptual é afetada pela metáfora. Se os nossos conceitos cotidianos são afetados pelas metáforas que usamos, como isso ocorre no plano da representação mental? Questões como essa só podem ser respondidas com um trabalho conjunto de lingüistas e psicolingüistas. Este artigo tentou contribuir para a formulação do quadro teórico no qual que essas pesquisas podem ser conduzidas.

Referências

- BARSALOU, L. Ad hoc categories. *Memory and Cognition*, v. 11, p. 211-227. 1983.
- ESPÍNDOLA, L. Metáforas e gêneros discursivos. Trabalho apresentado na XX Jornada do GELNE, 2004.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think. Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- GIBBS, R. Categorization and metaphor understanding. *Psychological Review*, v. 99, p. 572-577, 1992a.
- . What do idioms really mean? *Journal of Memory and Language*, v. 31, p. 485-506, 1992b.
- GLUCKSBERG, S. *Understanding figurative language. From metaphors to idioms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- ; KEYSAR, B. How metaphors work. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*. New York, Cambridge University Press, 1993.
- JACKENDOFF, R. *Foundations of Language. Brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- ; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, Chicago University Press, 1980. [Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, 2002.]
- LANGACKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- LEEZENBERG, M. *Contexts of metaphor*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- McGLONE, M. S. Conceptual metaphors and figurative language interpretation: food for thought? *Journal of Memory and Language*, v. 35, p. 544-565.
- MORAVCSIK, J. *Thought and Language*. London: Routledge, 1990.
- . *Meaning, creativity and the partial inscrutability of the human mind*. Stanford: CSLI Publications, 1998.
- MOURA, H. Lexicon and context in the production of meaning. *Révue de Sémiotique et Pragmatique*, v. 12, p. 17-35, 2002a.
- . Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Revista Verdades, Juiz de Fora*, v. 10, p. 153-161, 2002b.
- . *The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors*. Proceedings of the I Conference on language and thought. São Paulo, DELTA, no prelo (a).
- . *Metáforas e regularidades lingüísticas*. Coletânea de artigos da II Conferência Lingüística e Cognição. Juiz de Fora, UFJF, no prelo (b).
- MURPHY, G. On metaphoric representation. *Cognition*, v. 60, p. 173-204, 1996.
- ; MEDIN, D. The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review*, v. 92, p. 289-316, 1985.
- NUNBERG, G. Transfers of meaning. *Journal of Semantics*, v. 17, p. 109-132, 1995.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- VIGOTSKY, L. S. *Thought and language*. Cambridge: The MIT Press, 1979.
- ZANOTTO, M. A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social de leitura. In: PAIVA, V. L. M. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998, p. 13-38.